



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

LEILANE CRISTINA DE MELO SILVA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Brasília

2011

LEILANE CRISTINA DE MELO SILVA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB -, tendo como orientadora a Profa. MSc. Cátia Regina Braga Martins.

Brasília/DF

2011

LEILANE CRISTINA DE MELO SIILVA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB -, tendo como orientadora a Profa. MSc. Cátia Regina Braga Martins

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. MSc. Cátia Regina Braga Martins (UniCEUB)

Profa. MSc. Rosi Valéri Corrêa Araújo (UniCEUB)

Profa. MSc. Scheyla Brito Alves (UniCEUB)

Aos meus filhos Isaac e Vitória, que
são a fonte da minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu forças para alcançar este momento tão almejado. Que se encarregou de tudo prover para que o meu desejo fosse realizado.

Aos meus pais e irmãos, pelo amor, pela atenção e cuidado dedicado a mim e também aos meus filhos durante este percurso.

Ao meu esposo, pelo incentivo, pelo carinho, pela paciência e por essa capacidade incrível de me fazer sorrir nos momentos mais tensos.

Aos meus filhos, presentes de Deus, pelo sorriso, pelo carinho, pelo afago.

Ao corpo docente do Curso de Letras do UniCEUB, que com a transmissão de seus conhecimentos me fizeram reconhecer que fiz a escolha certa.

À professora Cátia Martins pela paciência e atenção dedicadas a mim na execução deste trabalho, fazendo com que eu me apaixone cada vez mais por este tema.

À professora Maria Eleusa, minha orientadora no PIBIC, pelo apoio e incentivo à pesquisa.

Aos meus colegas de turma, especialmente à Rosemary, grande companheira durante todo o curso.

E finalmente a todos os que com palavras, gestos ou orações, me ajudaram a estar aqui.

“Se, como resultado da intervenção dos linguistas, o tema da variação acabou incorporado pelo discurso pedagógico, podemos dizer que não conseguimos ainda construir uma pedagogia adequada a essa área. Talvez porque não tenhamos ainda, como sociedade, discutido suficientemente, no espaço público, nossa heterogênea realidade linguística, nem a violência simbólica que a atravessa.”

Carlos Alberto Faraco

RESUMO

A variação linguística está presente em todo o território brasileiro e saber como estas variações vêm sendo tratadas é o foco deste trabalho. A Língua Portuguesa, como qualquer outra língua do mundo, não é homogênea. É papel do professor ensinar os alunos a reconhecer e respeitar estas variações, que muitas vezes não são trabalhadas em sala de forma adequada. Este trabalho objetiva identificar as variações de língua presentes em sala de aula, analisar as devidas variações e a maneira como são tratadas em sala de aula além de revelar a importância de, identificadas estas variações, serem tratadas de forma adequada pelo professor em sala de aula. A pesquisa foi desenvolvida em escola pública do Distrito Federal e a modalidade de pesquisa adotada para responder a esses questionamentos foi a pesquisa qualitativa etnográfica. Foi aplicado questionário aos alunos, entrevista semiestruturada com a professora, notas de campo e análise de atividades dos alunos.

Palavras-chave: Variação linguística; Ensino de língua; Práticas de sala de aula.

LISTA DE ABREVIATURAS

CENSO	Levantamento periódico do número de pessoas do país
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PDAD	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
RA	Região Administrativa
SCIA	Setor Complementar de Indústria e Abastecimento
SIA	Setor de Indústria e Abastecimento
SOE	Serviço de Orientação Educacional

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	População segundo a naturalidade.....	25
Gráfico 2	População segundo o nível de escolaridade.....	29

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	13
1.1 A Sociolinguística Histórica.....	13
1.2 Estudos da Sociolinguística no Brasil.....	17
CAPÍTULO II.....	20
2.1 Novas perspectivas de ensino: A língua oral do aluno e o contexto da sala da aula.....	20
2.2 A sociolinguística e o ensino de Língua Portuguesa.....	21
CAPÍTULO III.....	23
3.1 Pesquisa Qualitativa Etnográfica.....	23
3.2 Etnografia de sala de aula.....	23
3.3 Pesquisa de Campo.....	24
3.3.1 A Cidade Estrutural.....	26
3.3.2 A Escola e os Colaboradores.....	26
3.3.3 Práticas de Sala de Aula.....	30
3.3.4 Análise do Ditado e Treino ortográfico	33
Considerações Finais.....	36
Referências.....	38
ANEXOS.....	39
ANEXO A.....	39
ANEXO B.....	43
ANEXO C.....	44

APRESENTAÇÃO

A Língua Portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme em todo o território brasileiro. Sendo assim é necessário reconhecer estas variações e respeitá-las. Em alguns contextos o ensino de língua despreza estas variações impondo aos alunos um único modo de falar, como se não houvesse variações. Elas existem e precisam ser respeitadas por tratarem da mesma língua.

Esta pesquisa objetiva identificar as diferentes variações da língua portuguesa empregadas em sala de aula, bem como analisar o papel do professor diante deste fenômeno e a forma como estas variações são tratadas em sala de aula. Objetiva também refletir sobre a importância de se repensar o ensino da língua materna.

Por meio de pesquisa qualitativa etnográfica desenvolvida em escola pública do Distrito Federal, em turma de 6º Ano do Ensino Fundamental, é que esta pesquisa buscará alcançar aos objetivos propostos. As técnicas utilizadas para a coleta dos dados foram: entrevista semiestruturada com a professora regente, notas de campo, questionário aplicado aos alunos, além da análise de atividades dos alunos.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta a Sociolinguística, que veio para tratar das relações entre linguagem e sociedade, destacando os estudos sociolinguísticos no Brasil.

Na sequência, o segundo capítulo trata das novas perspectivas de ensino considerando que a linguagem é uma forma de interação entre as pessoas e que é papel da escola ensinar as falas adequadas ao uso (BRASIL,1997). Também consta neste capítulo a subseção Sociolinguística e Sociedade tratando das dificuldades que, segundo os autores pesquisados, o professor encontra para adotar um postura adequada para o ensino da língua em que se inclua a identificação das diferenças e a conscientização.

A metodologia adotada neste trabalho de pesquisa é abordada no terceiro capítulo onde são apresentadas a modalidade da pesquisa, o local onde a pesquisa foi realizada e seus colaboradores e também análise de

atividades dos alunos. Também constam em anexo os ditados feitos pelos alunos.

Ao analisar as variações linguísticas presentes no contexto escolar e a forma como são tratadas em sala de aula, esta pesquisa trará à reflexão a importância de se repensar o ensino da língua, reconhecendo e respeitando a recorrência dessas variações linguísticas, considerando as diferenças sociolinguísticas dos educandos.

CAPÍTULO I

1.1 A Sociolinguística Histórica

A Sociolinguística veio para tratar das relações entre linguagem e sociedade. Segundo Mollica (2003), os indivíduos se organizam em sociedades. Desta forma a sociolinguística estuda a língua em situações reais de uso, relacionando os aspectos linguísticos e sociais. Assim cada um dos estudiosos destes fenômenos linguísticos adota uma postura teórica segundo o seu tempo.

A linguagem e sociedade estão ligadas de forma inquestionável, embora essa relação seja reconhecida, nem sempre é assumida como determinante. Assim a linguística do século XX, que se encarregou de excluir a consideração histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico, foi fundamental na consideração da questão da relação linguagem e sociedade. Segundo os estudos de Saussure, ao se referir ao conhecido *Estruturalismo de Saussure* (1916 apud ALKIMIN, 2008), a língua é um sistema encoberto pela fala podendo ser não ser levado em conta devido as suas múltiplas variações.

O autor também vê a fala como um fato social, um sistema adquirido pelos indivíduos no convívio social, ou seja, a língua é o produto social da linguagem.

Embora reconheça a importância das considerações etnológicas, Saussure privilegia o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico. Para ele os fenômenos linguísticos são importantes, mas não significa dizer que sem eles não seria possível conhecer o organismo linguístico interno.

Alkimin (2008) afirma que está na reflexão de vários autores a questão social nos estudos linguísticos, a relação linguagem e sociedade. Entre eles: Antonie Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste, Roman Jakobson.

Dentre estes daremos destaque a Bakhtin (1969 apud ALKIMIN, 2008) que critica radicalmente a postura de Saussure, afirmando que a verdadeira

essência da língua não está no sistema formal e abstrato das formas linguísticas, mas pela interação verbal.

Jakobson (1960 apud ALKIMIN, 2008), também discorda de Saussure, quando este trata a língua como um sistema homogêneo, pois para o autor um indivíduo participa de diferentes grupos e cada um faz escolhas diferentes nos modos de falar.

Segundo Alkimin (2008) o francês Cohen afirma que os fenômenos linguísticos ocorrem em contexto diferente dos fenômenos sociais e, assim, adota uma postura saussureana, neste caso, referente às questões das relações entre linguagem e sociedade a partir de fatores externos. O autor também estabelece tópicos de interesse para o estudo sociológico, como o estudo das variedades de linguagem abordando temas como: a distinção entre variedades rurais, urbanas e de classes sociais, os estilos de linguagem formal e informal, as formas de tratamento, a linguagem de grupos segregados, entre outros.

O estudioso também francês, Benveniste (1968 *apud* Alkimin, 2008), afirma que “é dentro da, e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”. Ou seja, a linguagem se realiza dentro de uma língua inseparável de uma sociedade. A língua permite que o homem se situe na natureza e na sociedade. Isto porque a língua é faculdade humana, e a capacidade humana de simbolizar, descrever, conceituar tanto a natureza quanto as experiências.

Bright (1966 apud ALKIMIN, 2008) propôs para a sociolinguística a demonstração da relação entre as variações linguísticas observáveis em uma sociedade e as diferenças sociais da mesma. O autor também identifica alguns fatores sociais que supõem que a diversidade linguística esteja relacionada. Dentre eles: a identidade social do falante, que é um fator relevante para os estudos de dialetos sociais, diferenças entre as falas masculina e feminina; identidade social, importante para o estudo das formas de tratamento; o contexto social utilizado no estudo das diferenças dos estilos formal e informal e, por fim, o julgamento social que cada falante faz do próprio comportamento linguístico e dos outros.

Bachmann (1974 apud ALKIMIN, 2008) considera a sociolinguística um novo campo aonde vão se encontrar tradições antigas como a antropologia linguística ou a dialetologia além de especialistas como psicólogos, sociólogos, e até planejadores.

Assim, considerando que linguagem, cultura e sociedade são fenômenos inseparáveis, linguistas e antropólogos, trabalham lado a lado.

Nasce a sociolinguística de forma interdisciplinar, tendo de novo a definição de uma área voltada para o fenômeno linguístico no contexto social animada por linguista e também de estudiosos das ciências sociais.

A língua falada, observada, escrita e analisada em seu contexto social, é o objeto de estudo da Sociolinguística, tendo como seu ponto inicial a comunidade linguística, que é um conjunto de pessoas que interagem verbalmente, não apenas por que os indivíduos falam da mesma maneira, mas porque se relacionam, por meio de várias redes comunicativas, que são definidas em Bortoni-Ricardo (2011) como: “conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo”.

Assim a autora apresenta duas possibilidades de redes: a de tessitura miúda e a de tessitura larga. Na primeira há muitas pessoas que uma pessoa conhece interagindo entre si, fazendo com que os participantes alcancem consenso em relação a normas: redes de tessitura miúda são isoladas das influências externas. Na rede de tessitura larga, a maioria das pessoas, que uma determinada pessoa conhece, não interage entre si, tendendo a desenvolver maior variação de normas na rede. Segundo a autora, os indivíduos podem mudar de redes, mas quanto mais integrada for a rede, mais generalizado será o dialeto rural desses indivíduos.

Os diversos modos de falar são a primeira constatação de quem se dispõe a estudar qualquer comunidade linguística, pois qualquer língua, em qualquer lugar tem variação. A língua não é homogênea. E a sociolinguística não encara isso como um problema, mas como uma qualidade que constitui o fenômeno linguístico. Nesse caso querer apreender apenas o invariável

significa reduzir a compreensão do fenômeno linguístico, pois a variante padrão representa apenas uma parte do fenômeno linguístico.

As variações são relacionadas a diversos fatores. Cada falante adquire as variações próprias dos falantes da comunidade onde convivem. Estas variações, segundo Alkimin (2008), podem ser variações diatópica ou diastrática. A variação diatópica ou geográfica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, são diferentes modos de falar de lugares diferentes. Como, por exemplo, a diferença entre os falantes portugueses e os brasileiros, assim como entre os falantes brasileiros de diferentes regiões, tanto de áreas urbanas quanto rurais. A variação diastrática relaciona-se com a identidade dos falantes e também à organização sociocultural, como por exemplo, a classe social, a idade, o sexo, a situação ou contexto social.

Fishman (1972 apud ALKIMIN, 2008) afirma que uma situação é definida quando há dois interlocutores falando de um determinado assunto num determinado contexto. Isso determina os padrões a serem utilizados. As variedades linguísticas utilizadas devem corresponder às expectativas sociais convencionais e o contexto deve determinar essas variações.

Na sociedade ocidental a variante padrão é a mais prestigiada, por ser considerado o modo correto de falar. Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, não havendo línguas pobres em vocabulário, nem superiores ou inferiores. Não há língua homogênea. Segundo Bagno (2007), os julgamentos ante a língua são políticos e sociais, julgamos não a fala, mas o falante.

O que chamamos de variedade padrão é de um lado a seleção de modos de falar e de outro um conjunto de regras que definem como é correto falar. Tradicionalmente, considera-se *correto* o modo de falar das classes A e B, consideradas economicamente dominantes.

Este mesmo autor ainda define esta padronização como um tratamento social característico da língua que é verificado quando há diversidade social e suficiente de elaboração simbólica, ou seja, representa a definição de variedade padrão, representa o ideal de homogeneidade da língua.

Acredita-se que a padronização da língua seja um fenômeno historicamente definido, cada época determina o que é padrão. Representações de pronúncias e construções gramaticais utilizadas em textos legitimados em virtude das mudanças na língua não são mais consideradas de “bom uso”. (Alkimin, 2008, p. 40)

Bagno (2007) considera que não existem construções “mais certas ou mais bonitas”, para o cientista da linguagem toda a construção linguística merece atenção, porém fora do âmbito da pesquisa científica determinadas construções podem suscitar avaliações e julgamentos repletos de preconceitos.

A maioria das pessoas crê que exista apenas uma língua, quando, na verdade, há variações linguísticas operando no meio social. Aprende-se o que é exposto, e não há nada de errado nisso. Cada grupo social dá continuidade à herança linguística recebida. A homogeneidade linguística é um mito, pensar em erradicar a diferença linguística é um ato de exclusão, trata-se de impor a cultura dos grupos detentores do poder.

1.2 Estudos da Sociolinguística no Brasil

O Brasil tem cerca de 190.732.694 habitantes distribuídos de forma irregular nos seus 8.514.876,599 Km², (CENSO 2010)¹. A população indígena corresponde a não mais que 0,2% população, entre eles verifica-se diferentes graus de aculturação e seu repertório linguístico vai do monolinguismo de grupos etários mais velhos ao bilinguismo instável que tende a favorecer o português. Os imigrantes que se estabeleceram nas regiões metropolitanas assimilaram a língua dominante, mas os que permaneceram isolados e demoraram para adotar o português.

Dentre as variedades do português brasileiro tem-se as variedades não-padrão ou “*rurbanas*”, que são as variedades usadas por falantes das classes mais baixas, não alfabetizadas ou semialfabetizadas, que vivem na cidade ou pela população que vive em áreas rurais onde já se vê a tecnologia. E a

¹ Levantamento periódico do número de pessoas do país, desenvolvido pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

variedade padrão das classes mais privilegiadas. Desta forma a distribuição das diversas variáveis linguísticas se dá tanto com base nas classes sociais quanto na origem rural/urbana.(Bortoni-Ricardo,2011, p.20)

Se dispusermos essas variedades num contínuo de urbanização que vai desde a variedade padrão a variedade não-padrão (BORTONI-RICARDO, 2005, cap.5), será perceptível o grande número de regras que perpassam a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica, no entanto essas variações não impossibilitam o entendimento.

Há traços graduais não padrão no português brasileiro, e ocorrem na fala de todos os brasileiros, independente de seus antecedentes rurais ou urbanos. São traços graduais e contínuos.

Embora ambos os traços apareçam na língua de todo e qualquer brasileiro, nos traços graduais há uma progressividade na frequência das ocorrências de uma variação, tornando-se aquilo que é a nossa língua. Devido a força do vernáculo esses traços vão conquistando espaço também nos gêneros textuais (BAGNO, 2007).

Já os traços descontínuos, por caracterizarem as variedades caipiras ou de falantes sem nenhum prestígio social, sofrem uma grande carga de discriminação. Segundo Bagno, são traços estigmatizados e evitados a qualquer custo pelos cidadãos que se acham portadores da “língua certa”.

Bortoni-Ricardo (2011), ao abordar o estudo das línguas nacionais, considera que há uma tendência a transformação dos dialetos rurais em dialetos sociais urbanos. Segundo a autora, esse fenômeno se dá devido ao êxodo em massa das áreas interioranas rurais para as áreas urbanas. Na Europa esse fenômeno se deu ao final da idade média e se consolidou no século XIX. No Brasil esse fenômeno é mais recente, e no Brasil essa urbanização não se deu precedida pela industrialização.

O processar dessa urbanização foi alvo de estudos desde o século XX, no entanto o estudo das mudanças linguísticas parece não ter alcançado a mesma atenção. A transformação de dialetos rurais em variedades urbanas não padrão está no centro dos processos de mudança linguística e

padronização de língua no Brasil. Os dialetólogos tinham consciência desta transformação; da mesma forma tinham consciência de que os falares rurais seriam “destruídos”. A migração das massas do campo para a cidade e a introdução em áreas rurais junto com a tecnologia, todo esse movimento inter-regional são características da sociedade brasileira em desenvolvimento. (BORTONI-RICARDO, 2011,p.13)

A urbanização do dialeto caipira se deu especialmente por estas migrações desta população da área rural para a área urbana. Durante séculos esta população viveu isolada e de maneira antiquada. Se compararmos aos hábitos da vida moderna, não havia um sistema de propriedade de terra e os caipiras viviam em busca de solo fértil e cultivavam apenas para o seu sustento.

Com as mudanças de urbanização e industrialização, introdução de bens manufaturados, houve mudanças na vida dessa população, o isolamento. Além de fatores sociológicos, como o crescimento da população e a institucionalização do sistema de propriedade de terra, pois já não havia terras suficientes, a população rural viu-se obrigada a migrar para um centro urbano.

Para Bortoni-Ricardo (2011), Oliven indica quatro processos como principal incentivo à migração aos centros urbanos: Introdução do capitalismo que expulsou os trabalhadores mais pobres para a cidade, o decréscimo dos índices de mortalidade, fazendo com que a população aumentasse causando um inchaço em seus locais de origem, a expansão das fronteiras devido a colonização das regiões a oeste do país antes habitadas apenas por índios e a expectativa de melhores condições de vida nos centros urbanos.

CAPÍTULO II

2.1 Novas perspectivas de ensino: a língua oral do aluno e o contexto de sala de aula

No Brasil há uma grande variação dialetal e o problema do preconceito deve ser enfrentado pela escola, mas para isso é necessário livrar-se de alguns mitos como o de que há uma forma certa de falar ou o de que a escrita é o espelho da fala e que desta forma seria preciso consertar a fala do aluno (BRASIL, 1997). Estes são pensamentos que desprezam a fala do aluno, fazendo-o sentir-se menor, incapaz.

Também constam nos PCN de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental 1º e 2º Ciclos (BRASIL,1997): “não se trata de ensinar a fala “correta mas, sim as falas adequadas ao uso”. Há uma estreita relação entre a língua e a participação social, pois é por meio dela que homem se comunica.

Considerando que a linguagem é uma forma de interação entre as pessoas, dentro de sala de aula é possível desenvolver práticas que ampliem o grau de conhecimento do falante fazendo com que não aprenda somente as palavras, mas os seus significados.

Bagno (2007) afirma que a educação linguística primária se dá no início da vida de qualquer pessoa, no momento em que ela entra num mundo rodeado de outras pessoas. Quando vai para a escola, tudo o que esta pessoa aprendeu no seu convívio familiar passará a ser formalizado. Cabe à escola ensinar ao aluno em que contextos utilizar a linguagem própria do seio familiar e onde utilizar a linguagem formal.

Reforçam os PCN :

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções.(...) Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL,1998 p.82)

2.2 Sociolinguística e o ensino de Língua Portuguesa

Para Bortoni-Ricardo (2004), o processo de sociabilização começa na família, em seguida com os amigos e depois na escola. Esses ambientes são chamados de domínios sociais, que são espaços físicos onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais que são construídos no processo de interação humana. A autora escolheu um trecho do livro *Rememórias Dois*, de Carmo Bernardes, para ilustrar as principais características sociolinguísticas da sociedade. No trecho apresentado a família do personagem migrou para a zona rural de Formosa, por volta de 1915, e como eles outros milhões de pessoas. Esse fenômeno trouxe consequências para a educação.

Há uma grande variação no uso da língua quando se trata da transição do domínio do lar onde a cultura é predominante oral, para o domínio da escola, que é uma cultura permeada pela escrita, a chamada cultura de letramento. Sempre haverá variação em todos os domínios sociais estejam estas regras documentadas ou não.

Em toda comunidade de fala há variações linguísticas, decorrentes de vários fatores: grupos etários, gênero, status socioeconômicos, grau de escolarização, mercado de trabalho e redes sociais, essas diferenças, segundo a autora, são relacionadas aos papéis sociais. Na escola, por exemplo, pessoas que desempenham papéis de autoridade, como professores, diretores, entre outros, devem usar uma linguagem mais cuidada, monitorada. Mesmo em sala de aula, há eventos que são conduzidos com mais monitoração do que outros.

Há casos em que se varia o grau de monitoração da fala como recurso para melhorar a interação entre os alunos. E também casos em que o grau de monitoração varia conforme os recursos comunicativos que o falante já adquiriu. Em Brasília convive-se com brasileiros de todos os estados, portanto muitos professores são capazes de reconhecer os diversos sotaques. Estão presentes entre estas diferenças crenças sobre a superioridade de uma variação. No entanto toda variedade é identitária, e alguns falantes detentores de mais poder têm mais prestígio e esse prestígio é transferido para a

variedade linguística, que passa a ser vista como mais bonita e até mais correta. (BORTONI-RICARDO, 2011 p.34)

Neste sentido alguns professores ainda encontram dificuldades em lidar com os “erros de português” em sala de aula, que são simplesmente a variações linguísticas.

A conduta do professor diante deste fenômeno pode ser a de quem: identifica o erro, mas não diferencia diferenças dialetais dos erros de decodificação; percebe o uso de regras não-padrão e não está atento ou não percebe por que ele próprio a usa; percebe mas prefere não interferir; o professor percebe o uso das regras não-padrão não intervém, mas em seguida apresenta a variante padrão.

Esta última postura deveria ser a adotada pelos professores e a partir desta estratégia, incluir a identificação da diferença e a conscientização, explorando o respeito às diferenças.

Ao se tratar de diferenças linguísticas, é fundamental recuperar o conceito de **competência comunicativa** apresentado nos estudos iniciais. Para tanto, convém lembrar que o linguista Saussure propôs no início do século XX a distinção entre língua e fala considerando que a língua é um sistema abstrato e a fala a concretização da língua. Anos depois Chomsky (1965 apud BORTONI-RICARDO 2004) propôs a dicotomia entre competência e desempenho, tendo a competência caráter abstrata e o desempenho, como a fala, caráter concreto. Nesta teoria a competência seria o conhecimento que o falante tem das regras da língua para poder formar expressões bem formadas, considerando que expressões bem formadas são todas as expressões formadas por cidadãos falantes nativo da língua portuguesa. Enquanto o desempenho trata-se do uso efetivo da língua pelo falante.

A partir da dicotomia proposta por Chomsky (1965 apud Bortoni-Ricardo, 2004), Hymes (1966 apud BORTONI-RICARDO, 2004) propôs um novo conceito: o de competência comunicativa incluindo o conceito de que, além das regras que regem a formação das sentenças, há também as normas sociais e

culturais que definem a adequação da fala. Ou seja, a capacidade que o falante tem de saber o que e como falar com qualquer pessoa seja qual for o contexto.

Portanto, ao chegar à escola, o aluno já fala com competência a língua materna, mas tem necessidade de ampliar seus recursos comunicativos e é papel da escola facilitar a ampliação dessa competência comunicativa dos alunos.

CAPÍTULO III

3.1 Pesquisa qualitativa etnográfica

A pesquisa qualitativa etnográfica foi a modalidade escolhida para o desenvolvimento deste trabalho. Por se tratar de uma pesquisa que envolve o dia-a-dia do ambiente escolar notou-se a necessidade de um método que permitisse a interpretação das rotinas e práticas de sala de aula, mesmo as que parecessem mais óbvias.

Este trabalho busca por meio da pesquisa etnográfica entender como a variação linguística é tratada em sala de aula, sua relevância para o ensino de Língua Portuguesa e como o professor consciente das questões sociolingüísticas presentes atua em sala de aula.

Nesse sentido, foi desenvolvido por um grupo de estudiosos o paradigma interpretativista que veio em oposição ao modelo já existente proposto, o positivismo de Comte. Esta teoria propunha que as ciências humanas deveriam seguir os mesmos princípios das ciências exatas, no entanto seus críticos argumentavam que não poderia ser excluído o contexto histórico-social.(BORTONI-RICARDO, 2008, p.31)

A aplicação do interpretativismo é encontrada em facilmente encontrada em pesquisas qualitativas, etnográfica, observações participantes, estudo de caso entre outros, pois tratam-se de eventos que necessitam de interpretação das ações praticadas.

Enquanto em uma pesquisa quantitativa procura-se estabelecer relações entre duas variáveis sem a preocupação em saber em quê uma afeta a outra, a

pesquisa qualitativa busca entender os fenômenos, os atores, o como e o porquê determinados fenômenos ocorrem.

3.2 Etnografia da sala de aula

A pesquisa foi realizada em uma turma da 6º Ano do ensino fundamental, de uma escola pública do Distrito Federal. A sala contava com 35 alunos aproximadamente. A idade destes alunos era entre 11 e 15 anos (a faixa etária que compõe esta turma representa 14,3% da população urbana residente na cidade onde se desenvolveu a pesquisa, segundo PDAD² 2011). Todos os alunos desta turma sempre estudaram em escolas públicas dentro ou fora do DF, e mais da metade dos alunos desta turma foram reprovados pelo menos uma vez. As pesquisas foram conduzidas de agosto a outubro de 2011.

3.3 Pesquisa de Campo

A pesquisa foi desenvolvida na Cidade Estrutural, Região Administrativa XXV. A cidade foi escolhida por que a pesquisadora havia desenvolvido ali seu Estágio Supervisionado I e já conhecia um pouco da escola e da comunidade.

Trata-se de uma cidade nova, que por inúmeros motivos concentrou um grande número de pessoas de diferentes lugares de Brasília e do Brasil. Segundo os dados coletados pela Codeplan 47,6% dos moradores da cidade migraram próprio Distrito Federal. Além de 36,4% que são naturais da Região Nordeste, 7,2% do Sudeste e 6,3% do Centro-Oeste, enquanto apenas 2,5% são do Norte. Em relação à origem por estados, Bahia é o mais representativo (22,6%), seguido do Maranhão (20,5%), e Piauí (14,1%)

² Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios.

além da violência muito grande com que estas pessoas sobrevivem. É uma cidade que está se organizando, as escolas são novas e alguns professores não gostariam de estar ali. Daí, temos mais um motivo para pesquisarmos qual a postura do professor que atua numa comunidade como esta. Esse professor está preparado para atuar num público tão diverso? O professor está consciente desta diversidade? Se estiver, atua com postura diferenciada? São questões que a pesquisa procurará responder.

3.3.1 A Cidade Estrutural – RA XXV - SCIA

A Cidade Estrutural originou-se de um depósito de lixo na margem direita da DF – 095, sentido SIA – Taguatinga. Surgiram os primeiros barracos de catadores de lixo próximo ao local. Em 1989, foi criado o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento – SCIA em frente à vila, no lado oposto da Via Estrutural - DF- 095, época em que se previa a remoção da invasão, para outro local. Várias tentativas foram realizadas neste sentido, sem sucesso, a resistência por parte dos moradores foi maior e a invasão que no início da década de 90 contava com pouco menos de 100 domicílios localizados ao lado do “lixão”, sendo então conhecida como Vila Estrutural, tornou-se a Região Administrativa XXV, pela Lei nº 3.315 em 27 de janeiro de 2004.

A partir desta Lei a Vila Estrutural passou a chamar-se Cidade Estrutural. Sua área corresponde a 29 km² (aguardando atualização). Sua população está estimada em 25.732 habitantes. O número de domicílios estimados é de 6.254. Faz também parte do SCIA a Cidade do Automóvel. (PDAD 2010/2011)³.

3.3.2 A Escola e os colaboradores

O desenvolvimento da pesquisa se deu especificamente em um Centro de Ensino Fundamental da Cidade Estrutural. A escola foi inaugurada em abril de 2009, inicialmente com 1326 alunos oriundos das escolas do Guará, visto que até então na Cidade Estrutural existia apenas uma Escola Classe e os

³ Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

alunos que precisaram cursar as séries finais do Ensino fundamental iam para as escolas da cidade vizinha. No segundo semestre de 2009 vieram também 1043 alunos do EJA, quando a partir de então se iniciaram as aulas no período noturno.

A instituição funciona em um prédio de dois andares, onde existem: vinte salas de aula, um laboratório de Ciências, uma Sala de Artes, um laboratório de Informática, uma Sala de Leitura, uma sala de professores, uma Sala de Coordenação, uma sala para S.O.E, uma Sala de Recursos, um almoxarifado, um depósito, uma Quadra de Esportes coberta, uma praça de skate e um parque infantil. As instalações são boas, mas algumas salas não estão equipadas adequadamente porque o orçamento da escola está em fase de conclusão.

O Centro de Ensino atende alunos do Ensino Fundamental (séries iniciais, 4ª Série e 4º Ano e séries finais 5ª a 7ª série), Classes de aceleração e 3º Segmento do EJA (1º, 2º e 3º Ano). No turno matutino conta com 13 turmas de 5ª Série, 5 turmas de 6ª Série e duas turmas de 7ª série, totalizando 660 alunos. No turno Vespertino há três turmas de 5ª Série, 11 turmas de 6ª Série, com totalizando 630 alunos. No período Noturno, há 17 turmas do EJA e 1 turma do 1º Ano de ensino médio regular totalizando 452 alunos.

A Equipe de Trabalho da Escola é formada pela diretora, vice-diretora, Supervisor Pedagógico, supervisores Administrativos, Coordenadores Pedagógicos para séries Iniciais, finais e EJA, Serviço de Apoio à Aprendizagem, Psicólogo, Pedagogo, orientadores Educacionais, professores no atendimento da Sala de Recursos, Apoio Pedagógico, Professores do Laboratório de Informática, Secretário, Auxiliares de Secretaria, Merendeiros e Funcionários dos Serviços Gerais.

A escola também oferece a Educação Inclusiva. Há o envolvimento da equipe docente nos projetos da escola. Dentre eles o Projeto Interventivo, que são aulas de reforço dadas pelos estagiários das licenciaturas que desenvolvem seu Estágio Supervisionado nesta Instituição de Ensino. Esta é uma das estratégias da escola para melhoria da aprendizagem dos alunos, pois as aulas são voltadas para a correção de conteúdos das séries iniciais e

finais proporcionando aprendizagem significativa e satisfatória dos conteúdos relevantes de cada componente curricular.

Segundo o Projeto Político Pedagógico desta escola, há também alguns desafios a serem superados: a evasão escolar no período noturno e alunos usuários de drogas são apenas alguns dos desafios encontrados. Além destes há também a missão de desconstruir a imagem negativa da escola, transformá-la em um lugar seguro, prazeroso e adequado para aprendizagem. Também se torna imprescindível a prevenção contra o uso de drogas e o porte de armas nas dependências da escola. Diminuir o índice de reprovação e fortalecer o vínculo escola/família também faz parte das metas da escola.

As pesquisas foram conduzidas de agosto a outubro de 2011, no turno matutino de 3 a 4 dias por semana. Para a coleta de dados foi feito acordo com a diretora da escola, coordenação e professora a fim de obter autorização para frequentar as aulas. Segundo a pesquisadora Bortoni-Ricardo (2008), esta negociação é principal providência a ser tomada para o desenrolar da pesquisa. Além disso, a autora afirma que o objetivo da pesquisa qualitativa é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia-a-dia dos ambientes escolares identificando os processos que, por serem rotineiros, tornam-se invisíveis para os atores que dele participam. (BORTONI-RICARDO, 2008, p.49)

Assim, para responder as assertivas propostas neste trabalho foram empregados os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturada, questionário socioeconômico, observação etnográfica, além das notas de campo e análise de atividades dos alunos. Segundo o questionário aplicado em sala de aula 60% destes alunos moram com os pais e irmãos, 25% moram só com a mãe ou só com o pai e os demais moram com parentes.

A maioria dos pais dos entrevistados não concluiu o Ensino Médio. Considerando apenas os alunos que especificaram a escolaridade de seus pais, 49% dos pais estudaram até a 4ª Série do Ensino Fundamental e a minoria, cerca de 4% concluiu o Ensino Médio. Além destes contamos com 5% de pais que não estudaram.

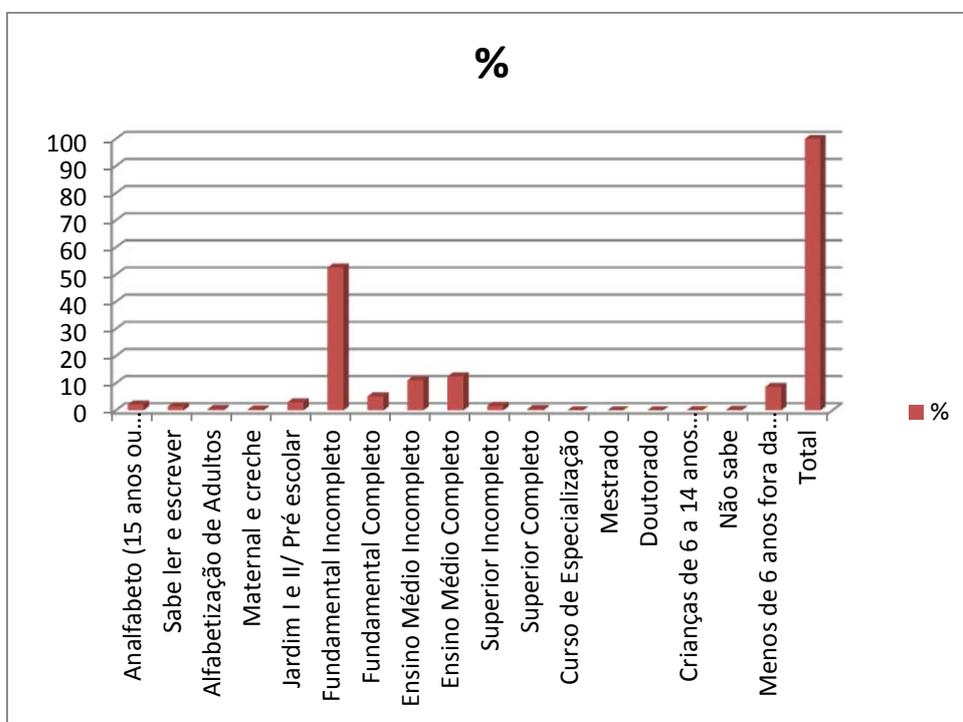
Esses dados aproximam-se aos da tabela apresentada a seguir:

Tabela 1: População segundo nível de escolaridade – SCIA – DF – 2011

Nível de Escolaridade	Nº	%
Analfabeto (15 anos ou mais)	576	2,2
Sabe ler e escrever	371	1,4
Alfabetização de Adultos	141	0,5
Maternal e creche	90	0,3
Jardim I e II/ Pré escolar	780100	3,0
Fundamental Incompleto	13.452	52,6
Fundamental Completo	1.330	5,2
Ensino Médio Incompleto	2.852	11,1
Ensino Médio Completo	3.223	12,5
Superior Incompleto	448	1,7
Superior Completo	128	0,5
Curso de Especialização	13	0,0
Mestrado	-	-
Doutorado	-	-
Crianças de 6 a 14 anos não alfabetizadas	26	0,1
Não sabe	51	0,2
Menos de 6 anos fora da escola	2.251	8,7
Total	25.732	,0

Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - SCIA - Estrutural - PDAD 2011

Gráfico 2: População segundo nível de escolaridade – SCIA – DF – 2011



Fonte: Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - SCIA - Estrutural - PDAD 2011

3.3.3 Práticas de sala de aula

As atividades escritas que foram recolhidas durante a pesquisa foram ditados e treinos ortográficos. Nestas atividades foram identificados alguns traços linguísticos, que segundo Bagno (2007, p.142) podem ser qualificados em traços graduais ou descontínuos, o segundo mais estigmatizado que o primeiro por serem fenômenos linguísticos presentes na fala das pessoas mais simples, com menos prestígio social.

As palavras do ditado desenvolvido em sala de aula foram escolhidas a partir de palavras que foram observadas pela professora e que, segundo ela os alunos encontram dificuldades em grafar. Logo no início da aula a professora anunciou que haveria um dita e que cada aluno destaca-se do próprio caderno uma folha para que ela começasse a ditar. Cada palavra foi repetida três vezes. Esteve presente na maioria das atividades dos alunos a dificuldade em reconhecer a diferença ortográfica do sufixo número-pessoal da 3ª Pessoa do Plural /ÃW/, que é grafado “ão” quando é tônico e “am” quando é átono. *Ficam/Ficão* (vocábulo que sequer existe), *Cantaram/ cantarão* *brincaram/brincarão*. São problemas de conhecimentos insuficientes das convenções da língua escrita. (Bortoni-Ricardo, 2005, p.54). Assim como a dificuldade que os alunos têm em diferenciar o Q do G.

Problemas como estes são considerados pela professora regente como principal desafio ao ensinar Língua Portuguesa, pois as turmas têm alunos que possuem conhecimento em níveis muito diferentes.

Outro traço linguístico presente nas atividades dos alunos é o uso de advérbios de intensidade com formas superlativas: *Mais grandes/ mais pequenos*. Bagno (2007) argumenta que este recurso embora seja um traço descontínuo também aparece nas variedades urbanas de escolarizados quando dizem por exemplo: “Isso vai piorar ainda mais”.

O apagamento do /r/ em final de palavras também foi perceptível na linguagem escrita dos aluno *melhorá/devê/pió/pará*, que para Bagno (2007) trata-se de um traço gradual, mais característico do vernáculo geral brasileiro, ou seja, é o nosso modo brasileiro de falar.

O uso do U e do I no lugar do O e E também foram registrados nas palavras *motivos/mutivos*, *entendo/intendo*, *preciso/priciso*. Segundo Brito, Mattos e Pisciotta (2003) são ocorrências que aparecem no registro popular ou até na fala descontraída de pessoas escolarizadas. Na sala de aula estas variações aparecem porque os alunos não diferenciam a oralidade da escrita.

Em uma conversa a professora admitiu ter voltado aos moldes antigos de treinamento de escrita, porque as novas tendências não haviam funcionado em suas turmas. Para “ensinar” os alunos como escrever corretamente a professora, além do ditado, fazia “treinos ortográficos”, que foram aplicados da seguinte maneira: a professora anotava uma sequência de palavras no quadro e os alunos repetiam cada uma destas palavras 8 vezes em seus cadernos. O processo de repetição também era adotado para as palavras que os alunos erravam no ditado.

Essa prática adotada pela professora é duramente criticada pelos PCN:

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente as mais formais (...) Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais forma da fala. (BRASIL, 1997, p.27)

Percebe-se que há um distanciamento da professora com relação à turma, pois não houve diálogos. A professora entra na sala ordena que a turma se organize segundo um mapeamento proposto por ela em aulas anteriores. Após a organização da sala ela cumprimenta os alunos com um “bom dia” e dá seguimento à aula, que na maioria das vezes foi escrever em um canto do quadro as palavras que deveriam ser repetidas pelos alunos.

A oralidade foi pouco trabalhada durante as aulas observadas, o que diminui as chances de os alunos terem acesso a usos de linguagem mais formalizados, como orienta os PCNs:

Ensinar língua portuguesa deve significar para a escola possibilitar acesso a usos mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p.67)

Segundo a professora, a acústica da escola não favorece o desenvolvimento de trabalhos desta natureza, pois as salas de aula estão sempre em constante barulho mesmo quando há silêncio na sala, o que impossibilita o desenvolvimento de um bom trabalho de leitura. O livro didático foi o material usado nestas poucas aulas, quando foi iniciada a leitura de texto, que também não foi concluída por falta de tempo. Além da acústica da escola, outro problema identificado pela pesquisadora diz respeito ao lanche da escola, pois este é servido durante a aula, interrompendo qualquer atividade que esteja sendo desenvolvida. Segundo a direção, não há refeitório na escola. Daí a necessidade de o lanche ser servido na própria sala. Não há também nenhuma aula dupla: todas as aulas são únicas e a professora de português entra em sala todos os dias. Assim as atividades de oralidade não são praticadas com frequência em virtude destes dificultadores.

Esta professora tem 37 anos de idade e está formada em Letras desde 1997, no entanto leciona desde 1994 nas séries iniciais. Concluiu em 2008 sua pós-graduação em Psicopedagogia. Segundo ela sua formação a ensinou somente a teoria e que tudo o aprendeu foi com as suas próprias experiências. Em sua graduação não houve a disciplina sociolinguística, e afirmou não ter muito conhecimento a respeito do assunto. Mas, baseada nos conhecimentos que possui respondeu à pesquisadora que a questão de respeito às variações em sala de aula coloca o professor numa situação difícil porque os alunos querem impor o seu jeito de falar porque sabe que o professor precisa respeitá-los. Afirmou também que, o professor e a escola que agem com esta postura ficam desacreditados perante os alunos. Segundo ela, alguns de seus alunos escrevem errado e quando são corrigidos argumentam que esta é a letra dele, a maneira de ele escrever. A professora afirma: “Essa ideia, entrou na cabeça deles de um jeito que eles acham que não precisam mais aprender o correto porque *o errado é certo*”.

Todas as ocorrências citadas neste trabalho de pesquisa foram retiradas de atividades escritas dos alunos. No entanto, a única interferência feita pela professora foram as repetições já citadas, correções na própria folha e repreensões individuais. Em nenhum momento a professora utilizou estas ocorrências para interagir com os alunos e explorar as diferenças entre

pronúncia e a escrita. Sendo que, segundo Bagno (2007) cabe ao professor o trabalho da reeducação sociolinguística, para que estes alunos possam compreender a complexidade da dinâmica social, conscientes dos valores que atribuímos a todo o momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem.

3.3.4 Análise de Ditado e treino ortográfico

Ditado 19/10/2011		
Alunos	Palavras	Problemas apresentados pelos alunos ao registrarem as palavras dos ditados
A1	Alguém, guitarrista, agito, barbearagem. Arquibancada, brincaram, ficção, cantarão, aquele, guerreiro.	Querreiro: troca do dígrafo GU por QU.
A2	Alguém, agito, guitarrista, barberagem, arquibancada, ficam cantarão, aquele, guerreiro	Barberagem: não identificação do fonema gutural /GU/, substituindo o emprego por /G/
A3	Alguém, agito, barberagem, arquibancada, brincarão, ficção, cantarão, aquele, guerreiro	Ficção : troca do sufixo número pessoal da 3ª Pessoa do plural /AW/ grafado “ão” quando é tônico e “am” quando é átono. barberagem : redução dos ditongos /ey/ a /e/ diante de consoantes palatais ou da vibrante simples.
A4	Algues, ageto, quitareta, baberage, aquibacanda, brincaram, ficam, cataram, aquele, guerreiro	Algues, ageto, quitareta, baberage: não nasalização das sílabas pós-tônicas aquibacanda, guerreiro
A5	Barbearagem, agito, guitarrista, arquibancada, brincaram, ficam, cantaram, aquele, guerreiro	Não houve problemas de registro escrito das crianças.
A6	Alguém, agito, guitarrista, barberagem, arquibancada, brincaram, ficam, aquele, guerreiro	O emprego da acentuação aleatória: Barberagem : pós-tônica aquele : tônica, guerreiro : pré-tônica

Durante esta observação foi possível perceber que a professora não manifestava muita proximidade com os alunos, pois não os chamava pelo nome, chamando a todos de “colega”. Sua presença traz um pouco de receio os alunos, e ela domina bem a disciplina da turma. Individualmente, foi feita a correção do treino ortográfico que havia sido realizado na aula anterior e, neste

dia, a professora solicitou mais um ditado. A partir destas observações podemos refletir a possibilidade de a professora realizar uma mediação com os alunos sobre os conhecimentos acerca dos padrões ortográficos, a partir de suas reflexões como professora de língua e conhecedora dos conceitos e definições da Sociolinguística. Dessa forma, poderia mediar a correção da grafia dos alunos, auxiliando-os a compreenderem a relação entre fala e escrita e a sistematizarem os padrões ortográficos referentes a esta etapa de escolarização.

A partir do treino ortográfico realizado em sala foram registradas algumas palavras escritas pela professora no quadro branco, que foram conferidas por mim durante as observações em sala de aula, diante das quais alguns alunos não obtiveram êxito ao copiar tendo, portanto, apresentado problemas no registro da cópia em sala:

Palavras registradas no quadro	Registro observado no caderno dos alunos
Arquibancada	(T: todos) Arquibancada
Alguém	(T) Alguém
Guitarrista	(A7): guitarrista (A9): guitarrista
Banguela	(A8): bangela (A9): branquela
Seguinte	(A8): seguinte (A9): sequinte
Qualidade	(T) qualidade
Questão	(T): questão
Brincam	(T):brincam
Brincaram	(T):brincaram
Brincarão	(T):brincarão
Fiquem	(T)fique
Guerra	(A9): gerra
Requeijão	(A7): requeijão

As palavras desse treino ortográfico foram escritas em um lado do quadro, não havendo cabeçalho, nem datas para identificação da tarefa, apenas o título “TREINO ORTOGRÁFICO” seguido das palavras que deveriam ser copiadas pelos alunos. Embora seja uma simples atividade de cópias de

palavras, há em sala de aula alunos que não conseguiram realizar a cópia de forma adequada, apresentando algum desvio da escrita padrão e repetindo-o nas oito cópias subsequentes, tendo em vista que a professora orienta os alunos a registrarem oito vezes cada palavra copiada no quadro, antes mesmo de verificar se as mesmas foram grafadas de maneira adequada.

Como de costume, ao final da aula a professora se retira de sala dizendo que na próxima aula eles darão continuidade ao treino e será verificada a cópia de cada um. A professora não realiza nenhuma intervenção coletiva sobre a prática da cópia, não comenta a escrita das palavras, não sistematiza padrões ortográficos e efetivamente não realiza nenhuma mediação no processo de ensino-aprendizagem dos alunos neste contexto de aula de língua portuguesa.

Os alunos apresentam dificuldades em copiar as palavras do quadro, registradas pela professora, demonstram pouca familiaridade com os padrões ortográficos e com a assimilação da transposição da fala para a escrita.

Observa-se nas palavras (A7) *seguinte*; (A3) *ficção*; (A1) *querreiro*; (A4) *babearage* entre outras, para as quais a orientação dos conceitos da Sociolinguística ajudaria a professora a utilizar outras estratégias de ensino como: agrupamento de palavras pela semelhança de alguns padrões ortográficos: QU/GU (dígrafos) e -ram/-rão (desinências verbal: modo, número e tempo).

Considerações Finais

Este trabalho possibilitou a reflexão acadêmica sobre a relevância da Sociolinguística para reconhecer a variação linguística presente nos contextos de sala de aula da educação básica e compreender a necessidade de reorganizar as diferentes estratégias de ensino desenvolvidas para o desenvolvimento da escrita na comunidade escolar observada.

Além de reconhecer o repertório linguístico dos alunos, a pesquisa pode constatar que o conhecimento da sociolinguística para os professores de língua portuguesa, em exercício nas séries iniciais da educação básica, é essencialmente necessário, pois o trabalho com a sistematização da escrita e o ensino da padronização ortográfica permite aos alunos reorganizarem sua própria escrita e desenvolverem em seus conhecimentos linguísticos.

O ensino da modalidade padrão da língua escrita exige dos professores sensibilidade para perceberem a distância entre as diferentes variações empregadas em sala e a variação padrão que é preciso ensinar na escola. Ou seja, é necessário que o desenvolvimento do trabalho com a escrita e o ensino ortográfico em sala de aula leve em consideração os conceitos teóricos da Sociolinguística para auxiliar o desenvolvimento dos alunos, em respeito ao repertório linguístico de cada criança, diante da tarefa árdua de sistematizar na modalidade escrita a língua potencialmente conhecida na variação oral.

O padrão ortográfico da Língua portuguesa deve ser ensinado a partir de referências da língua escrita tanto em textos como em vocabulário diverso. Contudo o treino ortográfico baseado na cópia e repetição sem reflexão e compreensão da estrutura padrão da língua escrita pode evidenciar o (in)sucesso das atividades propostas pela professora, nas quais as crianças eram levadas a repetir a grafia equivocada das palavras e, sem se apropriarem ao menos dos registros linguísticos copiados no quadro, acabavam efetuando uma mera cópia didatizada, uma atividade escolar inócua, uma tarefa sem sentido.

A necessidade de se repensar o ensino de Língua Portuguesa está evidenciada nesta pesquisa como exercício de reflexão sobre as diferentes

variações da língua e a postura da professora colaboradora da pesquisa que, limitando as possibilidades de aprendizagem dos alunos, também não reconhece as dimensões sociolinguísticas presentes em sua sala de aula, o que de fato a impossibilita de ampliar suas reflexões sobre a prática pedagógica, assim como seus conhecimentos de língua e a metodologia empregada em sala de aula para o ensino da ortografia.

Ao concluir esta pesquisa evidenciou-se que as variações sociolinguísticas da língua portuguesa, empregadas em sala de aula pelos falantes nativos, não são observadas pela professora e muito menos utilizadas como material de ensino-aprendizagem da língua materna. Também não são tratadas de forma adequada, pois se a professora reconhecesse as teorias sociolinguísticas como sendo relevantes ao seu desempenho docente, possivelmente adotaria posturas diferenciadas quanto à dificuldade de escrita de seus alunos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudos sociolinguísticos de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. *O Professor Pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo – Parábola Editorial, 2008.

CENSO – 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 24 de outubro de 2011.

BRASIL, MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª Séries do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental, 1997.

BRASIL, MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª Séries do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental, 1998.

BRITO, Eliana Viana; MATTOS, José Miguel; PISCIOTTA, Harumi.(orgs.) *PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza.(orgs) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES Ana Cristina(orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2008.

PDAD – Setor complementar de Indústria e Abastecimento -2011. Disponível em:< <http://www.codeplan.df.gov.br/sites/200/216/00000660.pdf>> Acesso em: 30 de setembro de 2011.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário socioeconômico

INFORMAÇÕES

As perguntas deste questionário têm três objetivos principais: conhecer os dados socioeconômicos seus profissionais/escolares e de sua família.

Portanto, leia com atenção todas as informações do questionário antes de responder às questões.

1. Qual o seu sexo

- (a) Feminino
- (b) Masculino

2. Qual a sua idade?

- (a) Menos de 10 anos
- (b) 11 anos
- (c) 12 anos
- (d) Entre 13 e 15 anos

3. Como você se considera?

- (a) Branco(a)
- (b) Pardo(a)
- (c) Preto(a)
- (d) Amarelo(a)

4. Você é natural de que estado? _____

5. Onde e com quem você mora atualmente/

- (a) em casa, com meus pais e irmãos.
- (b) Em casa, com parentes.
- (c) Em casa, com meu pai e irmãos.
- (d) Em casa, com minha mãe e irmãos.

6. Quantas pessoas moram em sua casa? (contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas que moram em uma mesma casa).

- (a) Duas pessoas.
- (b) Três.
- (c) Quatro.

- (d) Cinco
- (e) Seis ou mais.

7. Quantos irmãos você tem?

- (a) Um(a)
- (b) Dois(duas)
- (c) Três
- (d) Quatro ou mais.
- (e) Não tenho

8. Até quando seu pai estudou?

- (a) Não estudou
- (b) Da 1ª à 4ª Série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (c) Da 5ª à 8ª Série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (d) Ensino Médio completo
- (e) Ensino Superior incompleto
- (f) Ensino Superior completo
- (g) Pós-graduação.
- (h) Não sei.

9. Até quando sua mãe estudou?

- (a) Não estudou
- (b) Da 1ª à 4ª Série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (c) Da 5ª à 8ª Série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (d) Ensino Médio completo
- (e) Ensino Superior incompleto
- (f) Ensino Superior completo
- (g) Pós-graduação.
- (i) Não sei.

10. Qual a naturalidade (cidade de origem de seus pais)?

Pai _____

Mãe _____

VOCÊ E O TRABALHO

11. Você trabalha, ou já trabalhou ganhando algum rendimento?

- (a) Trabalho
- (b) Já trabalhei, mas não estou trabalhando.
- (c) Nunca trabalhei.

12. (SE TRABALHA) Quantas horas você trabalha por dia?

- (a) Até 10 horas semanais
- (b) De 11 a 20 horas semanais
- (c) De 21 a 30 horas semanais

13. Se trabalhou durante os estudos, com que idade você começou?

- (a) Antes dos 10 anos
- (b) Entre 11 e 13 anos
- (c) Entre 14 e 15 anos
- (d) Nunca trabalhei

14. De quanto é a renda mensal de sua família?

- (a) Até um salário mínimo
- (b) De 1 a 2 salários mínimos
- (c) De 2 a 5 salários mínimos
- (d) Não sei

15. Há quanto tempo você estuda nesta escola?

- (a) Menos de 1 ano
- (b) Entre 1 e 2 anos
- (c) Três anos

16. Você já foi reprovado em algum ano do ensino fundamental?

- (a) 1º Ano
- (b) 2º Ano
- (c) 3º Ano
- (d) 4º ano

- (e) 5º Ano
- (f) 6º Ano
- (g) Não fui reprovado

17. Em que tipo de escola você estudou anteriormente?

- (a) Somente em escola pública do DF
- (b) Somente em escola Particular do DF
- (c) Somente em escola pública fora do DF
- (d) Somente em escola particular fora do DF

18. Com qual frequência você lê? (A) frequente (B) às vezes (C) nunca

- Jornais ()
- Revistas ()
- Livros ()
- Sites ()

19. Você já sofreu algum tipo de discriminação?

- () Discriminação econômica.
- () Discriminação étnica, racial ou de cor.
- () Por causa da religião.
- () Por causa do local de nascimento (em outra cidade, no interior, em outra região, no exterior...)
- () Por ser pessoa com deficiência física ou mental.
- () Por causa da aparência física (gordo/a, magro/a, alto/a, baixo/a)
- () por causa do lugar da sua moradia.

ANEXO B - Entrevista semi-estruturada com a professora

ENTREVISTA SOBRE: A sociolinguística na sala de aula do ensino fundamental

IDENTIFICAÇÃO

Sexo: Feminino () Masculino ()

Faixa etária: 20 a 29 () 40 a 49 () 30 a 39 () 50 em diante ()

Turma(s) para a qual leciona: _____

Onde e quando fez sua graduação? _____

Qual é o seu tempo de Magistério? _____

QUESTÕES

- 1) Quais são os desafios de ensinar Língua Portuguesa nos dias de hoje?
- 2) Em que medida a sua formação acadêmica corresponde à realidade de suas salas de aula?
- 3) Em sua graduação houve a disciplina de sociolinguística?
- 4) Você se considera que esta disciplina ajudou em sua formação para a atuação em sala de aula? Por quê?
- 5) O currículo estudado em sua formação inicial de Letras contribui para o desempenho docente em Língua Portuguesa? Por quê?
- 6) A partir de sua prática pedagógica é possível afirmar que a formação teórica em sociolinguística, na graduação, auxilia suas aulas?
- 7) Como você conceituaria “erro” de língua portuguesa nas práticas de linguagem dos seus alunos?
- 8) Quais são os problemas de linguagem que você identifica em seus alunos?
- 9) Você percebe a presença de variação linguística em suas aulas de LP

ANEXO C – Ditados

A₁

nome completo: [redacted] nº: 35
Série: 5- Turma: B Data: 19 de outubro de 2011

~~Ditado~~ Ditado

1- alguém	✓	gula	g
2- agito	✓	1 guitarrista	
3- guita guitarrista	✗	2 guitarrista	
		3 guitarrista	
		4 guitarrista	
4- baleragem baleragem	✓	5 guitarrista	
		6 guitarrista	
5- arribancada	✓	7 guitarrista guitarrista	
		8 guitarrista	
6- brincaram	✓	9 guitarrista	
		10	
7- ficam ficam ficam	✓	1 guerreiro	
		2 guerreiro	
8- cantarão so cantarão	✓	3 guerreiro	
		4 guerreiro	
9- agite	✓	5 guerreiro	
		6 guerreiro	
10- guerreiro	✗	7 guerreiro	
		8 guerreiro	
		9 guerreiro	
		10 guerreiro	

nome completo: [redacted]

Serie/Turma: 5º B

Data: 19/10/11

Ditado

- 1- alguém ✓
- 2- Agite ✓
- 3- quitesenta ✓
- 4- Barberagem X
- 5- curibancada ✓
- 6- Brinca X
- 7- fite picam ✓
- 8- cantaria ✓
- 9- aquele ✓
- 10- quessiro ✓

alguém - alguém - alguém - alguém - alguém - alguém -
alguém - alguem - alguém - alguem.

barberagem - barberagem - barberagem - barberagem
barberagem - barberagem - barberagem - barberagem
barberagem - barberagem

brincaram - brincaram - brincaram - brincaram - brincaram
brincaram - brincaram - brincaram - brincaram - brincaram

barberagem brincaram
brincaram



A
3

39 / 10 / 11

Nome: [REDACTED]

nº: 33

Série / Turma: 5B

Data: 39/10/11

Ditado

- 1- ~~alguem~~ ~~alguém~~ alguém ✓
- 2- agito ✓
- 3- quarenta ✓
- 4- barbearagem ✓
- 5- arquibancada ✓
- 6- ~~brincaria~~ ~~brincaria~~ X
- 7- ~~ficam~~ ~~ficão~~ X
- 8- ~~cantafião~~ ✓
- 9- aquele ✓
- 10- guerreiro ✓

brincaram, brincaram, ~~brincaram~~, brincaram, brincaram, brincaram, brincaram, brincaram, brincaram, brincaram, brincaram, brincaram.

ficam, ficam, ficam, ficam, ficam, ficam, ficam, ficam, ficam, ficam.



nome completo [REDACTED] data 19/10/11
 2ª / Turma 5 7º 10

ditado /

- 1- ~~algos~~ alguns X
- 2- agito X
- 3- quanto X
- 4- package X
- 5- aquedocada X
- 6- ~~estaram~~ ~~conceçom~~ X
- 7- ucom X
- 8- estonam X
- 9- aquele X
- 10- guerra X

algum ~~al~~ al

nome completo: [redacted]
Scri/urma 3B" data 19/10/2011 n: 142

Ditada ditado

- 1 - alguém
- 2 - Agitar
- 3 - gutarista
- 4 - ~~barberagem~~ X barberagem, barberagem
- 5 - arquivameada
- 6 - ~~lirimearam~~
- 7 - ~~ficam~~ + transcrição fonética
- 8 - ~~cantaram~~ X desinências ... cop + eagra
- 9 - aquele
- 10 - guerrero
- 11 -

~~barberagem~~, barberagem, barberagem, barberagem
barberagem, barberagem, barberagem, ~~barberagem~~
barberagem, barberagem

~~cantaram~~ cantarão, cantarão, cantarão, cantarão
cantarão, cantarão, cantarão.
cantarão, cantarão, cantarão

A

6

19/10/2011

nome completo

serie: 5

turma: B

numero: 28

data: 19/10/2011

ditado!

- 1. alguém ✓
- 2. agito ✓
- 3. guitarrista ✓
- 4. barberagem X
- 5. arquibancada ✓
- 6. brincarlam X
- 7. ficam ✓
- 8. ~~plantão~~ X
- 9. aquele X
- 10. guiborio ✓

~~barberagem~~, ~~barberagem~~ barberagem barberagem barbara
gem barberagem barberagem barberagem ~~barberagem~~
barberagem barberagem barberagem barberagem

brincarlam brincarlam brincarlam brincarlam
brincarlam brincarlam brincarlam brincarlam
brincarlam brincarlam

cantarão cantarão cantarão cantarão cantarão can
tarão cantarão cantarão cantarão cantarão

aquele aquele aquele aquele aquele aquele
aquele aquele aquele aquele